

MAPEAMENTO DO ESTUDO ACADÊMICO CONTEMPORÂNEO EM COOPERAÇÃO ENTRE 2000 E 2013

Nilton Alves de Camargo Filho – Faculdade Murialdo - ad_camargo@hotmail.com

José Jeronimo de Menezes Lima – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) - jeronimo@mettudo.com.br

Heitor José Cademartori Mendina - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) - heitormendina@hotmail.com

Resumo

No atual contexto econômico, a cooperação representa uma opção estratégica importante para as empresas se tornarem mais competitivas. Este artigo mapeia a produção acadêmica sobre “cooperação”, no contexto empresarial, de janeiro de 2000 a dezembro de 2013. A pesquisa efetua uma análise bibliométrica para quantificar e qualificar a influência do tema na produção acadêmica no período considerado. Foram identificados inicialmente 1.085 artigos, os quais, após revisões criteriosas, resultaram numa amostra final dos 15 artigos mais relevantes. Os resultados mostram o interesse crescente pelo tema, em âmbito acadêmico e de negócios, dada sua importância como opção estratégica para as empresas.

Palavras-chave: Cooperação. Alianças Estratégicas. Parcerias.

Abstract

In the current economic context, cooperation is an important strategic option for companies to become more competitive. This article maps the academic production on "cooperation" in the business context, from January 2000 to December 2013. This research carries out a bibliometric analysis to quantify and qualify the influence of context on the academic production in the period considered. It was identified 1,085 articles, which, after careful review, resulted in a final sample of 15 most relevant articles. The results show the growing interest in the topic in academic and business context, given its importance as a strategic option for companies.

Palavras-chave: Cooperation. Strategic Alliance. Partnership.

Recebido: Julho/2014

Aprovado: Agosto/2014

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a literatura sobre o tema “cooperação” ganhou destaque em pesquisas acadêmicas sobre negócios. O aumento do interesse pelo tema resulta da percepção de pesquisadores e executivos de que a cooperação pode gerar vantagem competitiva quando inclui ações conjuntas de empresas visando benefícios recíprocos aos parceiros envolvidos. Na economia global, estas ações ajudam a criar novas possibilidades para novas fontes de lucro com base nos recursos disponíveis.

Os estudos seminais sobre o tema apontam que o desenvolvimento da cooperação é fortemente influenciado pelo traços de personalidade e valores pessoais das pessoas envolvidas. Neste sentido, Volk *et al.* (2012) sugerem que os traços de personalidade e os valores pessoais são indicativos de preferências individuais de cooperação. Na mesma direção, Axelrod (2011) defende que atitudes egoístas devem ser punidas, a fim de reprimir o oportunismo e recompensar os que desenvolvem a estabilidade da cooperação por meio do comportamento recíproco.

Segundo Balestrin e Verschoore (2008), os fatores que mais impulsionam a cooperação entre empresas são as necessidades de sobrevivência e de superações para competir. Entretanto, alguns estudos indicam que muitas vezes os relacionamentos de negócio mudam de cooperativos para competitivos, o que está relacionado à partilha de informações, atividades envolvendo vendas e atitudes oportunistas, contradizendo as pesquisas que retratam como positivas as relações de negócio marcadas pela cooperação, confiança e compromisso (TIDSTRÖM; HAGBERG-ANDERSSON, 2012).

Na opinião de Eriksson e Pesämaa (2007), as relações de muitos elementos e procedimentos tradicionais precisam ser alteradas, como por exemplo os procedimentos de aquisição que facilitem a cooperação. Estas considerações mostram ser relevante aumentar a compreensão da formação de parcerias por meio de procedimentos de aquisição. A cooperação também pode ser capaz de promover e estabelecer novos padrões de comportamento seja eles em âmbito social ou empresarial. Quando aplicada às empresas, a reciprocidade pode ser utilizada como estratégia na aquisição de novos produtos assim como a introdução destes no mercado com ações destinadas a diminuir o número de concorrentes existentes e potenciais (GINEVICIUS, 2010).

Devido à longitudinalidade da pesquisa, este artigo não pretende fazer uma revisão completa do assunto, e sim mapear o conhecimento acadêmico contemporâneo sobre o tema

“cooperação” considerando a produção de janeiro de 2000 a dezembro de 2013.

Para realizar este mapeamento, este estudo analisou os artigos publicados nas bases de dados *Academic Source Complete (ASC)*, *Academic Search Premier (ASP)*, *Business Source Complete (BSC)*, fornecidas pela *Elton Bryson Stephens Company (EBSCO)*. A coleta de dados adotou como critério de seleção os artigos publicados no período entre 1º/01/2000 e 31/12/2013 que apresentassem o termo “*cooperation*” no título (*title*) ou assunto (*subject*), considerando especificamente os periódicos classificados nas categorias *economy*, *business* e *management* segundo o *ranking* de 2012 do *Institute for Scientific Information (ISI)* publicado no *Journal of Citation Reports*.

A Seção 2 apresenta o referencial teórico, explanando os principais conceitos sobre cooperação, bem como os termos que aparecem com mais frequência nos artigos pesquisados dentro da temática principal e que sugerem construtos para aprofundamento e novas pesquisas: (i) Estratégias de Cooperação, (ii) Evolução e Desenvolvimento da Cooperação e (iii) Reputação e Comportamento. O referencial teórico foi obtido dos próprios artigos selecionados e que são referenciados ao final deste artigo. A Seção 3 apresenta detalhadamente a metodologia de pesquisa utilizada. A fim de proporcionar uma visão evolutiva das publicações, na Seção 4 são apresentados os resultados do mapeamento realizado. Finalmente, na Seção 5 são apresentadas as considerações finais do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico que sintetiza a literatura acadêmica especializada sobre “cooperação” que embasa este estudo, destacando os principais temas abordados sobre este assunto.

2.1 CONCEITOS DE COOPERAÇÃO

Etimologicamente, o termo “cooperação” deriva do verbo cooperar, com origem no latim *cooperari*, *cum* e *operari*, que significa a interação ou trabalho de pelo menos duas pessoas em prol de um bem comum (PINHO, 2004).

Num primeiro momento, ao se falar sobre cooperação, é possível imaginar que para que esta ocorra é necessário que haja muitas pessoas envolvidas no processo. Porém, Lago e Silva (2011) consideram a cooperação uma forma de organização de trabalho existente e que pode ser encontrado em todas as formas sociais. Estas manifestações de mútua cooperação

normalmente surgem em momentos de adversidade, onde existe uma necessidade de cooperação quer seja para sobreviver, quer seja para competir de maneira mais eficaz.

Corroborando, De Paula (2004) cita que a cooperação deve estabelecer-se em três níveis interdependentes: consigo mesmo, com o outro e com o ambiente. Complementarmente, Brown (2001) define como uma situação de cooperação aquela em que os objetivos dos indivíduos, numa determinada situação, são de tal natureza que, para que o objetivo de um seja alcançado, todos os outros deverão igualmente atingir seus respectivos objetivos. Sendo assim, a cooperação leva a ver todo estranho como um amigo em potencial e não como um adversário.

As formas de cooperação têm origem nos primórdios da humanidade, sendo seus primeiros indícios os identificados por antropólogos em vestígios arqueológicos remanescentes das tribos indígenas dos *shoshones* que habitavam a Grande Bacia da América do Norte, o que na atualidade seria o estado de Nevada nos EUA. Os *shoshones* sobreviviam da caça de lebre e passavam a maior parte do tempo em acampamentos multifamiliares nos quais havia uma organização para a caça de lebres: uns faziam redes, outros construía artefatos cortantes, outros participavam da caçada propriamente dita e a carne era dividida de maneira equânime entre todos e assim materializavam a coerência complexa da cooperação (WRIGHT, 2000).

A criação de diversas formas de tecnologias de cooperação facilita e estimula a interação da soma não-zero e se tornou uma característica comum à evolução cultural em todos os lugares. Estas formas criam novas possibilidades de somas positivas, as pessoas aproveitam tais somas, e a estrutura social como um todo acaba por mudar. Entre tais impulsos cooperativos, afirma Wright (2000), é possível identificar a generosidade (se seletiva, e às vezes cautelosa), a gratidão e um senso prestativo de obrigação, ou seja, uma empatia crescente e confiança para com o que se constata ser confiável para trocas recíprocas.

Neste sentido, a cooperação é exercida por pessoas em atividades que as mesmas não podem realizar sozinhas e um dos fundamentos da cooperação é a participação democrática dos membros de uma organização. Balestrin e Verschoore (2008) enfatizam que a garantia de cooperar é saber que futuramente haverá cooperação recíproca.

Layzell *et al.* (2000) consideram que uma equipe deve trabalhar de forma cooperativa, podendo o trabalho cooperativo ser realizado com tarefas divididas entre os participantes, sendo cada pessoa responsável por uma porção da solução do problema. Em ambientes de desenvolvimento distribuído de software, por exemplo, a cooperação é visível no sentido em

que as equipes de projeto podem cooperar entre si trocando conhecimentos sobre lições aprendidas.

Conforme Pinho (1966), “cooperação é uma forma de integração social e pode ser entendida como ação conjugada de indivíduos, para alcançar o mesmo objetivo”. Representa, pois, um amadurecimento das relações de trabalho. Concordando com Pinho (1966), Gonçalves (2003) salienta que o amadurecimento do conceito acontece quando, por exemplo, o trabalhador desloca sua atividade de assalariado para a atividade autônoma (busca de liberdade), que lhe permite, então, flexibilização e reflexão sobre sua própria realidade.

Nas subseções seguintes é apresentado o referencial teórico relativo aos temas mais relevantes e que são citados com maior frequência nos artigos pesquisados, dentro da temática principal, e que sugerem construtos para aprofundamento e novas pesquisas.

2.2 ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO

A cooperação pode ser utilizada como uma estratégia na qual pessoas ou empresas se unem para atingir um objetivo em comum (PRAMMER e NEUGEBAUER, 2012). Desta forma, combinando recursos e capacidades, geram vantagens competitivas que não possuíam e aumentam a capacidade de competição e eficiência em termos de resposta às demandas de mercado já adquirido ou para atingir a conquista de novos mercados nos quais, pela cooperação tácita ou explícita, vão conseguir adentrar e competir.

A forma organizacional "cooperação" é particularmente útil para estabelecer a coordenação dos relacionamentos horizontais reunindo interesses, talentos e outros recursos, permitindo assim às organizações realizar metas que seriam improváveis que realizassem por conta própria. Além disso Prammer e Neugebauer (2012) destacam que as organizações estão cada vez mais em busca de cooperação com outras organizações, não somente em relação a problemas, mas também assim contribuir para a mútua interdependência.

Para Hitt, Ireland e Hoskisson (2008), os motivos pelo quais as empresas utilizam estratégias de cooperação variam de acordo com as condições de mercado e possibilitam muitas vezes conseguir atingir novas vantagens competitivas e ainda mover-se rapidamente de uma vantagem competitiva para outra e conquistar poder no mercado. Nesta direção, Child, Faulkner e Tallman (2005) acreditam que a estratégia de cooperar está ligada diretamente às questões de salvaguardas destas cooperações e, se alicerçada na questão da confiança, estes fatores criarão condições ainda mais efetivas para um ambiente de cooperação e benefícios

mútuos, conseguindo resolver com facilidade conflitos que por ventura venham a surgir pela facilidade de comunicação criada com esta estratégia.

Desta forma, pode-se afirmar que cooperação consiste num acordo que institui alianças estratégicas para conjugar vantagens, numa abordagem em que o benefício global é superior ao da ação individual. Assim, a cooperação pode ter um caráter temporal, indefinido ou limitado, ou seja, uma vez atingidos os objetivos poder-se-á por fim à colaboração. Porém, as tendências organizacionais têm agravado o problema de induzir a cooperação entre os membros da organização. Polzer (2012, p.3) argumenta que mudanças repentinas e reestruturações frequentes tendem a suprimir as formas tradicionais de se obter a cooperação, afirma ainda que "[...] confiar na identificação dos membros com a organização, juntamente com obrigações contratuais formais, para levá-los a agir em interesses da organização" é a melhor forma de minimizar este problema.

Preocupações sobre obrigações contratuais e causas psicológicas de cooperação surgem porque as pessoas muitas vezes agem em seu próprio benefício e não nos interesses da organização, uma alternativa tão poderosa que o interesse próprio justifica um pressuposto fundamental do campo da Economia (VON NEUMANN; MORGENSTERN, 1944). Além disto, o autointeresse, normalmente, não é a única alternativa para satisfazer os interesses organizacionais; os interesses distintos de subgrupos organizacionais (por exemplo, departamentos) muitas vezes desempenham papel de destaque nas decisões dos indivíduos. Em adição a este fato, os dilemas sociais ocorrem quando os indivíduos dedicam-se a satisfazer o interesse próprio, interesses de subgrupos ou os interesses globais (por exemplo, a organização), quando estes três conjuntos de interesses distintos são incompatíveis (WIT; KERR, 2002).

2.3 EVOLUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COOPERAÇÃO

O comportamento cooperativo emergiu e se estabilizou nas sociedades ao longo do tempo, seja de maneira determinada ou indeterminada, por meio de recompensa ou propriedades relacionadas a aspirações ou ainda expectativas. O aparecimento de cooperação pode ser determinado por certo número de mecanismos, incluindo a seleção de parentesco, reciprocidade direta e indireta (JANSSEN; ROLLINS, 2012). Talvez nenhum destes mecanismos seja relevante para justificar e explicar o surgimento da cooperação, podendo apenas iluminar a existência do comportamento em seu aspecto mais complexo.

Entre tais impulsos, afirma Wright (2000), pode-se identificar a generosidade (se

seletiva, e às vezes cautelosa), a gratidão e um senso prestativo de obrigação: uma empatia crescente e confiança para com o que constatamos ser confiável para trocas recíprocas. Estes sentimentos e comportamentos são identificados em todas as culturas.

Lehmann e Keller (2006) corroboram com Janssen e Rollins (2012) quando afirmam que a presença de fatores como benefícios diretos para o indivíduo, informações diretas ou indiretas permitindo uma suposição de como o indivíduo irá se comportar cooperativamente em interações recíprocas, interações preferenciais entre indivíduos aparentados e com relações mútuas entre genes que codificam para o altruísmo, são incentivadores da cooperação. Acreditam que quando uma ou mais destas condições estão presentes, as relações de cooperação podem evoluir mais facilmente. Porém, esta relação pode ser alterada no seu custo-benefício com punições e coerção.

Já Axelrod (2010) credita conceitos evolutivos da cooperação às evidências de que a intenção ou interesse de ganhos futuros por parte dos indivíduos, mesmo que com egoísmo predominante, encoraje ao estabelecimento de relações de cooperação e reduza atitudes que em algumas circunstâncias atenuantes possam conduzir a deserção individual ou mútua. Ainda Axelrod (2010), avalia que quase todas as evidências de altruísmo e cooperação observadas em estudos organizacionais, assim como a sua manifestação nas espécies, inclusive na humana, ocorrem em contexto de grande afinidade, geralmente entre membros de uma mesma família.

Enfatizando esta tese, Kropotkin (2006) considera que a sociedade humana existiu desde sempre e não foi criada por nenhum contrato, sendo anterior à existência dos indivíduos. O princípio do apoio mútuo não vem a constituir, para Kropotkin, um ideal ético, e muito menos uma anomalia que rompe as rígidas exigências da luta pela vida, mas sim um fato cientificamente comprovado como fator da evolução.

Axelrod (2011) complementa afirmando que a cooperação mútua é positiva, e que, para que haja sua promoção, é necessário que exista interação contínua, tornando assim possível a estabilidade da cooperação baseada na reciprocidade. Recomenda que para a promoção da cooperação mútua seja avaliada a importância do futuro em relação ao presente e a aprendizagem sobre valores, exemplos de práticas que podem promover a cooperação.

A evolução da cooperação em ambientes sob competição evolutiva, conduzida por interesses de um grupo e imitando estratégias mais bem sucedidas, tornam a interação por imitação favorável à sobrevivência da cooperação. Ou seja, indivíduos que expressam comportamento cooperativo tornam-se cada vez mais propensos a interagir com indivíduos

que possuem o mesmo comportamento. Isto faz com que a cooperação surja endogenamente, permitindo que pequenos grupos de cooperação sobrevivam e se empalhem ao longo do tempo (JUN; SETHI, 2007).

2.4 REPUTAÇÃO E COMPORTAMENTO

A civilização mantém sua base em interações cooperativas entre as partes separadas (AXELROD, 2010). Desta forma, as interações podem emergir quando o custo de danificar um relacionamento valioso em longo prazo supera o imediato benefício de um desempenho ruim. Mesmo em relações intra e inter firmas finitas, demonstra-se que os argumentos padrões podem ser evitados e a cooperação mantida durante certo período de tempo, mesmo se houver um pequeno grau de incerteza sobre futuro da relação (HEALY, 2007).

No que diz respeito à reputação de uma empresa, Cristopher e Gaudenzi (2009) afirmam que esta tem um impacto muito significativo na construção de um relacionamento em prol de cooperação e tem sido uma preocupação constante dos gestores.

Complementando, Healy (2007) aponta a reputação como o principal fator responsável por permitir o aumento nas alianças em cooperação, persistindo assim a ausência da formalização por meio de contratos jurídicos e sistemas legislativos. Corroborando com Healy, Botsman e Rogers (2011) definem que a reputação não é apenas uma moeda psicológica, mas uma moeda real, chamada de capital de reputação.

Arend (2009) defende o não investimento em mecanismos transacionais, pois riscos de conflito e desalinhamentos de incentivos são caros para garantir que as interações prossigam sem problemas, quando a interação cooperativa excede as interações não cooperativas. Quando duas empresas separadas juridicamente optam por realizar uma transação conjunta, cada uma espera que a outra possa trazer algo de valor em troca, em vez de tentar tirar algo de valor. Assim, a cooperação é um princípio de transações interfirmas, como alianças.

É como se a confiança e a reputação viessem a ser resultado de uma aprendizagem experimental pela qual se procura o equilíbrio entre o poder e a dependência, a cooperação e a concorrência, levando ao final de algum tempo a relações estáveis (ANDERSEN, 2001). Assim, exigências exageradas sobre confiança como um pré-requisito à cooperação e ações oportunistas contando com a confiança revelam-se obstáculos e riscos para as relações de cooperação (SEMLINGER, 2008).

Rabin (1993) postula que os indivíduos têm preferências condicionalmente

cooperativas, gostam de cooperar com aqueles que estão cooperando, mas também de punir aqueles que não o fazem. Em relação à reputação envolvendo a Teoria dos Jogos, Healy (2007) enfatiza a questão de que os jogadores egoístas (racionais) preferem construir uma falsa reputação em períodos iniciais, revelando sua verdadeira identidade nos períodos finais da iteração.

Corroborando esta ideia, Arend (2009) afirma que muitas vezes os jogadores optam por estratégias diferentes daquelas que são esperadas, e isto está diretamente ligado aos dados de reputação, tornando-se, desta forma, uma informação preciosa para o jogador tomar suas decisões.

3. METODOLOGIA

Este estudo mapeia a produção acadêmica contemporânea sobre o tema “cooperação”, sendo classificado como pesquisa qualitativa bibliométrica.

O método utilizado foi a pesquisa descritiva desenvolvida por meio da descrição das características de uma determinada população ou fenômeno, observando os fatos, registrando-os, analisando-os, classificando-os e interpretando-os, conforme orientam Gil (1999) e Andrade (2002).

Para realizar o mapeamento foi utilizado o *software* de gerenciamento de referências acadêmicas *Zotero*. Esta ferramenta tem como principais características a integração com navegadores, sincronização *online*, geração de citações em texto, rodapés e bibliografias, bem como a integração com os processadores de texto atuais (ZOTERO, 2013).

Araújo (2006) esclarece que a bibliometria, entre suas diversas funções, permite, por meio da análise das citações encontradas em publicações científicas, alcançar resultados que mostram a identificação e descrição de uma série de padrões na produção do conhecimento científico. Com os dados retirados das citações pode-se descobrir os autores mais citados, autores mais produtivos, elite de pesquisa, frente de pesquisa, fator de impacto dos autores, procedência geográfica e/ou institucional dos autores mais influentes em um determinado campo de pesquisa; tipo de documento mais utilizado, idade média da literatura utilizada, obsolescência da literatura, procedência geográfica e/ou institucional da bibliografia utilizada; periódicos mais citados; *core* de periódicos que compõem um campo.

A pesquisa abrangeu as publicações realizadas entre o período de 1º/01/2000 a 31/12/2013 nas bases de dados *Academic Source Complete* (ASC), *Academic Search Premier* (ASP), *Business Source Complete* (BSC), fornecidas pela *Elton Bryson Stephens Company* (EBSCO).

A ASC é uma base de dados de texto completo multidisciplinar, a mais valiosa do mundo e mais abrangente academicamente, com mais de 8.500 periódicos de texto completo, incluindo mais de 7.300 periódicos revisados por especialistas. Além de texto completo, esta base de dados oferece resumos para mais de 12.500 periódicos e um total de mais de 13.200 publicações, incluindo monografias, relatórios e anais de conferências. Disponibiliza conteúdo indexado a partir de 1887. As referências citadas pesquisáveis são fornecidas para mais de 1.400 periódicos.

A ASP é uma base de dados multidisciplinar que fornece o texto completo de mais de 4.600 periódicos, incluindo o texto completo para quase 3.900 títulos revisados por especialistas. Há arquivos disponibilizados a partir de 1975, para centenas de periódicos. Além disto, são fornecidas referências citadas pesquisáveis para mais de 1.000 títulos.

A BSC é a mais completa base de dados acadêmica na área de negócios do mundo. Oferece a melhor coleção de conteúdo bibliográfico em texto completo. Disponibiliza índices e resumos dos periódicos científicos acadêmicos mais importantes desde 1886, além de referências citadas fornecidas por mais de 1.300 periódicos científicos.

A pesquisa inicial foi realizada no dia 03/01/2014, identificando um universo de 1.085 artigos relacionados ao tema “cooperação”, por meio da expressão “*cooperation*” nos campos título (*title*) ou assunto (*subject*), limitada a fontes oriundas de periódicos científicos (*academic journals*). Os 1.085 artigos foram então submetidos a um processo de triagem constituído por duas etapas com o objetivo de identificar sua real contribuição para o tema “cooperação”.

A primeira etapa da triagem foi realizada por meio da leitura do título de todos os 1.085 artigos e a classificação das publicações de acordo com as categorias *economy*, *business* ou *management* com base no *ranking* de 2012 do *Institute for Scientific Information* (ISI) publicado no *Journal of Citation Reports* (JCR), que avalia as publicações científicas de acordo com o *Impact Factor* (FI).

Criado em 1955 por Eugene Garfield, o FI é calculado e publicado anualmente por ISI e JCR, sendo utilizado como ferramenta quantitativa para o *ranking* da avaliação de periódicos. O valor do FI é o resultado da divisão do número total de citações recebidas pelos artigos publicados no periódico de dois anos anteriores pelo número de artigos publicados no mesmo.

Usando o JCR de 2012 e utilizando os critérios citados, obteve-se 115 periódicos com FI variando de 7.895 (*Academy of Management Review*) a 1.366 (*Journal of Management*

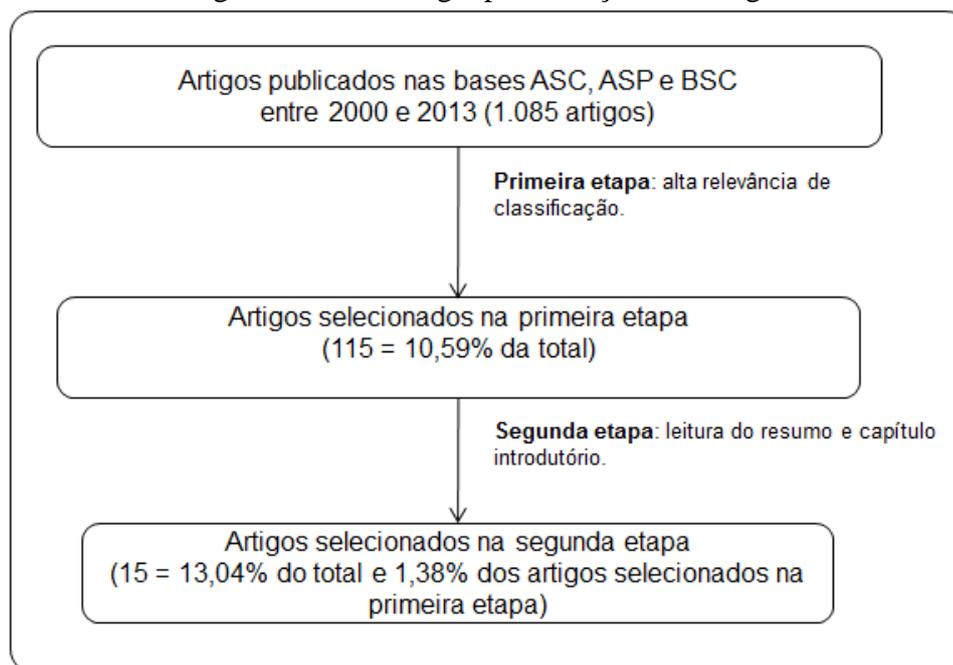
Accounting Research) e o FI-5 Year Impact Factor variando de 11.578 (*Academy of Management Review*) a 0.646 (*Journal of Economics*). Para fins desta pesquisa foram selecionados todos os artigos dos periódicos cujo FI igual ou superior ao percentil 75 ($FI \geq 2.368$ ou $FI-5Y \geq 4.907$), reduzindo a amostra inicial para 115 artigos.

Na primeira etapa, a amostra dos 1.085 artigos selecionados foi reduzida para 115. Esta redução foi necessária para que os artigos com maior aderência ao tema de estudo permanecessem na amostra. Todos os artigos não publicados em periódicos integrantes das categorias *economy*, *business* ou *management* foram eliminados, o que também aconteceu com aqueles que se encontravam duplicados nas bases e fora do contexto da palavra-chave utilizada como argumento de pesquisa. Também foram eliminados capítulos de livros, resenhas, comentários e apresentações de temas.

Com a finalização deste processo de redução da amostra, a segunda etapa foi realizada por meio da análise de consistência do artigo com o objetivo da pesquisa, na qual foram então lidos o resumo e o capítulo introdutório de todos os artigos. Foram suprimidas da amostra as publicações em que a palavra-chave tinha conotação diferente do tema central do presente estudo. Deste processo de seleção resultaram 15 artigos para compor a amostra final, tendo em vista sua relação direta e relevância para o tema “cooperação”, os quais estão apresentados nas referências da Seção 5.

A metodologia utilizada para a seleção dos artigos é representada na Figura 1, podendo apresentar algumas limitações, uma vez que podem haver artigos relacionados ao tema que não foram selecionados por não utilizarem o argumento de pesquisa apresentado na metodologia aplicada ao estudo.

Figura 1: Metodologia para seleção dos artigos



Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

4. RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados do mapeamento contemporâneo da literatura acadêmica sobre o tema “cooperação”. A pesquisa inclui a análise de um universo de 1.085 artigos publicados no período entre 2000 e 2013, compondo uma amostra final de 15 artigos. A intenção desta seção é identificar e reconhecer padrões, a evolução das publicações, tendências e dados relevantes à proposta de estudo.

A tabulação a seguir apresenta a análise dos resultados mais expressivos da amostra, bem como sua classificação, distribuição das publicações por ano, periódico e a classificação dos periódicos selecionados para amostra de acordo com o FI, além da análise referente a autoria das publicações.

A Tabela 1 mostra o número de publicações por periódico, sendo possível identificar homogeneidade na distribuição dos artigos publicados nos periódicos mais relevantes em relação aos estudos sobre o tema. *Academy of Management Journal* e *Strategic Management Journal* se destacam representando 26,67% do total de publicações.

Tabela 1: Total de artigos por periódico

Publicação	Total	%
Academy of Management Journal	2	13,33%
Strategic Management Journal	2	13,33%
Academy of Management Review	1	6,67%
Personality and Social Psychology Review	1	6,67%
The Quarterly Journal of Economics	1	6,67%
The Journal of American Academy of Business	1	6,67%
PLoS Computational Biology	1	6,67%
Evolution	1	6,67%
Journal of Management	1	6,67%
Journal of Management Studies	1	6,67%
Administrative Science Quarterly	1	6,67%
Journal of Management And Change	1	6,67%
Journal of Business Economics and Management	1	6,67%
Total	15	100,00%

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

A Tabela 2 ilustra o número de artigos publicados de acordo com o ano de sua publicação.

Tabela 2: Número de artigos publicados por ano

Ano	Publicações	%
2000	1	6,67%
2001	0	0,00%
2002	1	6,67%
2003	1	6,67%
2004	2	13,33%
2005	1	6,67%
2006	4	26,67%
2007	0	0,00%

Continua

2008	1	6,67%
2009	1	6,67%
2010	1	6,67%
2011	1	6,67%
2012	1	6,67%
2013	0	0,00%
Total	15	100%

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Como visto, os anos com maior representatividade de publicações que compõem a amostra final foram 2004 e 2006, somando 40,00% do total. Tal fato talvez evidencie a diminuição do interesse dos pesquisadores sobre o tema, haja vista que não houve publicações relevantes sobre o tema em 2013, considerando-se o FI utilizado nesta pesquisa. A Tabela 3 ilustra a relação dos 13 periódicos selecionados segundo os critérios adotados pela metodologia, ou seja, periódicos que apresentam o FI acima do percentil 75 ($FI \geq 2.368$ ou $FI-5Y \geq 4.907$).

Tabela 3: Periódicos classificados pelo alto índice de FI simultaneamente nas categorias *Business e Management*

Periódico	FI	FI5Y
Academy of Management Journal	5,906	10,031
Academy of Management Review	7,895	11,578
Administrative Science Quarterly	4,182	7,693
Evolution	4,864	5,402
Journal of Business Economics and Management	2,608	1,558
Journal of Management	6,704	7,754
Journal of Management And Change	3,516	2,876
Journal of Management Studies	3,799	4,744
Personality and Social Psychology Review	4,877	6,988
PLoS Computational Biology	4,867	5,939
Strategic Management Journal	3,367	6,393
The Journal of American Academy of Business	5,238	4,346
The Quarterly Journal of Economics	5,278	8,147

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Com o intento de traçar as características de autoria dos artigos analisados, foi realizada uma análise das modalidades de autoria dos 15 artigos que compuseram a amostra. Os artigos analisados são compostos em sua autoria por 33 autores distintos. Conforme exibido na Tabela 4, os resultados indicam que não existe uma modalidade de publicação definida, porém as publicações de múltipla autoria com até 3 autores abrangem aproximadamente 70% dos resultados.

Tabela 4: Estratégia de autoria nos artigos selecionados

Quantidade de autores	Artigos	%
1 autor	5	33,33%
2 autores	4	26,67%
3 autores	5	33,33%
4 autores	0	0,00 %
5 autores	1	6,67%
Total	15	100,00%

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Ainda durante a análise das características de autoria dos artigos analisados, observou-se que o autor mais expressivo foi Robert Axelrod, que se destacou com três publicações na amostra analisada. Isto evidencia a representatividade dentro da temática de estudo, não somente por se tratar de um autor seminal, mas também por ser um autor que contribui com publicações acima da média dos demais autores, elevando o grau de relevância da amostra utilizada no estudo.

Tabela 5: Quantidade de artigos por temática

Conteúdo	Artigos	%
Evolução e Desenvolvimento	8	53,33%
Estratégias de Cooperação	3	20,00%
Reputação e Comportamento	4	26,67%
Total	15	100,00%

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores.

Analisando os artigos estudados, observou-se que 8 concentram os estudos na evolução e no desenvolvimento da cooperação, representando aproximadamente 54% dos artigos

analisados. Outro ponto importante identificado e apoiado na visão de Andersen (2001), de que a confiança e a reputação são resultados de uma aprendizagem experimental em busca do equilíbrio entre cooperação e concorrência, foi a relação existente entre as outras temáticas que juntas não representam menos de 50% da amostra analisada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi identificar o comportamento da produção científica sobre cooperação. Para este fim fez-se um mapeamento e análise da produção científica relacionada ao tema, considerando o período entre 2000 e 2013, por meio de pesquisa bibliométrica realizada nas bases de dados fornecidas pela EBSCO.

Em relação aos artigos analisados, observa-se um interesse positivo na produção científica sobre o tema “cooperação”, sendo possível observar que a representatividade da temática se mantém estável no meio acadêmico. Uma análise detalhada permite identificar que as publicações estão distribuídas de forma heterogênea, apresentando uma concentração na primeira metade do período.

Os anos com maiores volume de publicação de artigos, por ordem de classificação, foram os anos de 2006 e 2004, representando 40% da amostra final. Nota-se um interesse decrescente na publicação de artigos sobre o tema nos últimos anos, haja vista que não houve nenhum artigo publicado em 2013, conforme o FI utilizado na pesquisa. De certa forma este fato pode ser explicado pela proliferação de livros sobre o tema na literatura de negócios especializada, diminuindo a pesquisa empírica em nível acadêmico.

Quanto à amostra dos periódicos, pode-se observar uma assimetria, visto que a única disparidade com a soma de 26,66% está no *Academy of Management Journal* e no *Strategic Management Journal*. Em relação à análise dos periódicos, referenciados ao FI, os periódicos com maior relevância são o *Academy of Management Journal*, com FI de 5.906, e o *Academy of Management Review*, com FI5Y de 11,578.

Os resultados permitem constatar ainda um interesse positivo e significativo em termos de publicações de artigos sobre o tema “cooperação” ao longo dos anos. Porém, há que se destacar ainda que o estudo não foi destinado a um exame mais aprofundado, dadas algumas restrições metodológicas quanto ao processo de seleção da amostra dos artigos analisados, conforme exposto na Seção 3.

Uma sugestão para estudo futuro é avaliar a relevância dos periódicos na temática em questão, de forma a validar os construtos (estratégias de cooperação, evolução e desenvolvimento da cooperação, reputação e comportamento) identificados neste trabalho, assuntos que podem ser de grande relevância para a área de administração, na qual o tema “cooperação” se mostra relevante como estratégia competitiva.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, P. H. Relationship marketing and communication: Towards an integrative model. **Journal of Business and Industrial Marketing**. v. 16, n. 3, p. 167-182, 2001.
- ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ARAÚJO, C. A. **Bibliometria: evolução histórica e questões atuais**. Porto Alegre, v. 12, p. 11-32, 2006.
- AREND, R. J. Reputation for cooperation: contingent benefits in alliance activity. **Strategic Management Journal**. v. 30, p. 371–385, 2009.
- AXELROD, R. **A evolução da cooperação**. São Paulo: Leopardo, 2010.
- AXELROD, R. Launching “the evolution of cooperation”. **Journal of Theoretical Biology**. v. 299, p. 21-24, 2011.
- AXELROD, R.; HAMMOND, R. A.; GRAFEN, A. Altruism via kin-selection strategies that rely on arbitrary tags with which they coevolve. **Evolution**. v. 58, p. 1833-1838, 2004.
- AXELROD, R.; RIOLO, R. L.; COHEN, M. D. Beyond geography: cooperation with persistent links in the absence of clustered neighborhoods. **Personality and Social Psychology Review**, v. 6, n. 4, p. 341-346, 2002.
- BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J. **Redes de cooperação empresarial: estratégia de gestão na nova economia**. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- BELL, J.; OUDEN, B. D.; ZIGGERS, G. W. Dynamics of cooperation: at the brink of irrelevance. **Journal of Management Studies**. v. 43, n. 7, p. 1607-1619, 2006.
- BOTSMAN, R.; ROGERS, R. **O que é meu é seu: como o consumo colaborativo vai mudar o mundo**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- BROWN, G. **Jogos cooperativos: teoria e prática**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- CHILD, J.; FAULKNER, D.; TALLMAN, S. **Cooperative strategy: managing alliances, networks and joint ventures**. New York: Oxford University Press, 2005.
- CHU, S. Y.; FANG, W. C. Exploring the relationships of trust and commitment in supply chain management. **The Journal of American Academy of Business**, v. 9, n. 1, p. 224-228, 2006.
- CRISTOPHER, M.; GAUDENZI, B. Exploiting knowledge across networks through
- Revista Brasileira de Gestão e Inovação – Brazilian Journal of Management & Innovation
v.2, n.1, Setembro/Dezembro– 2014

reputation management. **Industrial Marketing Management**, v. 38, p. 191-197, 2009.

DE PAULA, E. C. **Consciência de grupo: a essência da cooperação**. São Paulo: Projeto Cooperando, 2004.

ERIKSSON, P. E.; PESÄMAA, O. Modelling procurement effects on cooperation. **Construction Management and Economics**, v. 25, p. 893-901, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GINEVICIUS, R. The effectiveness of cooperation of industrial enterprises. **Journal of Business Economics and Management**, v. 11, n. 2, p. 283–296, 2010.

GOLDSTEIN, N. J.; GRISKEVICIUS, V.; CIALDINI, R. B. Reciprocity by proxy: a novel influence strategy for stimulating cooperation. **Administrative Science Quarterly**, v. 56, p. 441-473, 2011.

GONÇALVES, C. S. **Uma contribuição à estruturação dos procedimentos e demonstrações contábeis das cooperativas de trabalho: aplicação em uma cooperativa de trabalho**. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis no Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003.

HEALY, P. J. Group reputations, stereotypes, and cooperation in a repeated labor market. **American Economic Review**, v. 97, n. 5, p. 1751-1773, 2007.

HITT, M. A.; IRELAND, R. D.; HOSKISSON, R. E. **Administração estratégica: competitividade e globalização**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

INKPEN, A. C. A note on the dynamics of learning alliances: competition, cooperation, and relative scope. **Strategic Management Journal**, v. 21, p. 775-779, 2000.

JANSSEN, M. A.; ROLLINS, N. D. Evolution of cooperation in asymmetric commons dilemmas. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 81, p. 220-229, 2012.

JOHNSON, M. D.; HOLLENBECK, J. R.; HUMPHREY, S. E.; ILGEN, D. R.; JUNDT, D.; MEYER, C. J. Cutthroat cooperation: asymmetrical adaptation to changes in team reward structures. **Academy of Management Journal**, v. 49, n. 1, 103-119, 2006.

JUN, T.; SETHI, R. Neighborhood structure and the evolution of cooperation. **Journal of Evolutionary Economics**, v. 17, p. 623-646, 2007.

KROPOTKIN, P. **Mutual aid: a factor of evolution**. New York: Dover, 2006.

LAGO, A.; DA SILVA, T. N. **Fatores condicionantes do desenvolvimento de relacionamento intercooperativos no cooperativismo agropecuário**. Porto Alegre: SESCOOPRS, 2011.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LAYZELL, P.; BRENETON, O. P.; FRENCH, A. Supporting collaboration in distributed software engineering teams. **Proceedings of the Seventh Asia-Pacific Software Engineering Conference**, 2000.

LEHMANN, L.; KELLER, L. The evolution of cooperation and altruism: a general framework and classification of models. **Journal Compilation of European Society for Evolutionary Biology**, v.

19. p. 1365-1376, 2006.

MILTON, L. P.; WESTPHAL, J. D. Identity confirmation networks and cooperation in work groups. **Academy of Management Journal**, v. 48, n. 2, p. 191-212, 2005.

WHETTEN, D.; GODFREY, P. (Eds.). **Identity in organizations: building theory through conversations**. Thousand Oaks: Sage Publishing, 1998.

PINHO, D. B. **O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneiro à vertente solidária**. São Paulo: Saraiva, 2004.

PINHO, D. B. **Que é cooperativismo**. São Paulo: Buriti, 1966.

POLZER, J. T. Explaining the varying effects of organizational identification on cooperation: the moderating role of subgroup reputations. **Harvard Business School**, v. 2, n. 4, 2002.

POLZER, J. T. How subgroup interests and reputations moderate the effect of organizational identification on cooperation. **Journal of Management**, v. 30, n.1, p. 71-96, 2004.

PRAMMER, K.; NEUGEBAUER, C. Consulting organizational change cooperation - challenges, issues and solutions in theory and practice. **Journal of Management and Change**, v. 29, p. 24-45, 2012.

RABIN, M. Incorporating fairness into game theory and economics. **American Economic Review**, n. 83, p. 1281-1302, 1993.

SANTOS, F. C.; PACHECO, J. M.; LENAERTS, T. Cooperation prevails when individuals adjust their social ties. **PLoS Computational Biology**, v. 2, n. 10, p. 1284-1291, 2006.

SEMLINGER, K. Cooperation and competition in network governance: regional networks in a globalised economy. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 20, p. 547-560, 2008.

TABELLINI, G. The scope of cooperation: values and incentives. **The Quarterly Journal of Economics**, p. 905-950, 2008.

TIDSTRÖM, A. HAGBERG-ANDERSSON, A. Critical events in time and space when cooperation turns into competition in business relationships. **Industrial Marketing Management**, v. 41, p. 333-343, 2012.

VOLK, S.; THÖNI, C.; RUIGROK, W. Temporal stability and psychological foundations of cooperation preferences. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 81, p. 664-676, 2012.

VON NEUMANN, J., & MORGENSTERN, O. **Theory of games and economic behavior**. Princeton: Princeton University Press, 1944.

WIT, A.; KERR, N. "Me versus just us versus us all" categorization and cooperation in nested social dilemmas. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 83, p. 616-637, 2002.

WRIGHT, R. **Não-Zero: a lógica do destino humano**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ZENG, M.; CHEN, X. Achieving cooperation in multiparty alliances: a social dilemma approach to partnership management. **Academy of Management Review**, v. 28, n. 4, p. 587-605, 2003.

ZOTERO. **Site institucional (2013)**. Disponível em: <<http://www.zotero.org/>>. Acesso em: 26 dez 2013.